

# Arqueologia e Educação: possibilidades educacionais em torno de um sítio quinhentista em Santos, SP

Adriana Negreiros Campos\*

CAMPOS, A.N. Arqueologia e Educação: possibilidades educacionais em torno de um sítio quinhentista em Santos, SP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 195-200, 2011.

**Resumo:** Esta comunicação constitui parte do projeto de pesquisa de mestrado, em andamento, intitulado *Arqueologia e Educação: uma parceria em torno de um sítio quinhentista*. Tem por objetivo apresentar as propostas metodológicas utilizadas no estudo de caso em desenvolvimento na Unidade Municipal de Educação Waldery de Almeida, na cidade de Santos, São Paulo, cuja localização é adjacente ao sítio arqueológico quinhentista Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, bem cultural e marco do processo de construção da identidade brasileira no início da colonização portuguesa. O trabalho está sendo realizado com duas turmas do 4º ano do ensino fundamental.

**Palavras-chave:** Arqueologia – Educação – Cultura Material.

## 1. Introdução

A arqueologia, enquanto disciplina que usa os vestígios materiais como fonte documental, possibilita, no meio escolar, o desenvolvimento de atividades voltadas para a sensibilização de alunos e professores sobre a importância do conhecimento do mundo material e do mundo das imagens como parte fundamental do processo educativo. O estudo dos objetos como um vetor para a compreensão das transformações da vida do homem ao longo do tempo propicia a vivência de processos investigativos e contribui para a manutenção da curiosidade infantil inata como elemento motivador da aprendizagem.

Esta pesquisa, em andamento, desenvolve um experimento educativo<sup>1</sup> sobre as possibilidades didáticas do uso da metodologia arqueológica e tem como objetivo discutir e refletir sobre projetos educacionais desenvolvidos em dois museus: Museu de Arqueologia e Etnologia/USP e Museu Arqueológico Sambaqui de Joinville/SC, analisar a Educação Patrimonial enquanto metodologia e campo de conhecimento e desenvolver atividades educacionais voltadas para a valorização do patrimônio, tendo como norteador as Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, sítio arqueológico localizado no município de Santos, São Paulo.

(\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Mestranda em Arqueologia.  
<adriananegreiros@usp.br>

(1) O Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, enquanto espaço educativo não formal, possui exemplos significativos de ações educativas desenvolvidas, desde o ano de 2001, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, sob a supervisão da arqueóloga Dra. Elaine Farias Veloso Hirata.

## 2. Projeto Educacional

O Monumento Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, enquanto espaço educativo privilegiado da cidade de Santos tem sido alvo de projetos educacionais bem sucedidos desde o ano de 2001.

Enquanto espaço de educação não formal, o Engenho dos Erasmos possibilita uma grande diversidade de experiências educacionais, que tem como premissa a busca por novas alternativas para o seu papel educacional. Neste sentido, os projetos educacionais que ocorreram, e ainda ocorrem, no local têm como metodologia a não escolarização das suas práticas, ou seja, uma preocupação corrente em não fazer do monumento local de transposição didática de práticas do ensino escolar que incorporem concepções de educação que priorizem o discurso verbal ao invés de valorizar a participação dos educandos, em que os estudos do meio servem apenas para complementar o currículo ou ilustrar conhecimentos teóricos (Lopes 1991: 443).

Desde 2004, por meio da convergência de interesses entre prefeituras locais (Santos e São Vicente) e a Universidade de São Paulo (através da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária), o Engenho dos Erasmos tem sido palco de uma ação educacional sistemática envolvendo alunos do ensino fundamental da rede pública, educadores do Engenho<sup>2</sup> e professores cedidos pela Secretaria de Educação.<sup>3</sup>

## 3. Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos

O Engenho São Jorge está localizado na cidade de Santos, município da região metropolitana da Baixada Santista, e é um dos marcos importantes do início do processo de consolidação do poder português nas terras brasileiras, sendo um dos poucos exemplares desse período histórico.

O Monumento Nacional Engenho São Jorge dos Erasmos, enquanto espaço vivo de conhecimento e exploração constitui marco do processo de colonização do Brasil, pois se encontra no contexto do lançamento das bases de ocupação e estabelecimento da indústria açucareira nas terras do novo mundo. Dentro deste contexto de inserção do Brasil no mercado europeu, por volta de 1533-34 foi mandado erigir o Engenho dos Erasmos, que primeiramente foi denominado Engenho do Governador até ser adquirido pela família dos Schetz, de Antuérpia. O período de apogeu do Engenho como manufatura mélica foi sob a direção dessa família, de 1540 até a primeira metade do século XVI. Segundo Paul Meurs,<sup>4</sup> o engenho funcionou até o século XVIII e ao longo do tempo produziu, além do açúcar, rapadura e aguardente para o consumo interno (*apud* Andreatta 1999: 31).

As ruínas quinhentistas foram doadas à USP pelo seu último proprietário, Octávio Ribeiro de Araújo, em 1958 e, desde então, a Universidade tem a sua salvaguarda. No ano de 1996, foram realizadas as primeiras escavações arqueológicas, sob a supervisão da arqueóloga Dra. Margarida Davina Andreatta, do Museu Paulista da USP, e pela Universidade Católica de Santos, concluídas no mesmo ano, quando foram evidenciadas as principais estruturas arquitetônicas do Engenho e mais de mil e setecentos artefatos arqueológicos, entre os quais, material lítico, cerâmica, louça, porcelana, faiança, vidro e metal (Andreatta 1999: 34).

Em 2003, novas escavações convergiram para o estabelecimento da arqueografia de um antigo cemitério no local, onde foram obtidas, por meio do carbono 14, datações do século XVI. As pesquisas preliminares evidenciaram dezenove indivíduos, preliminarmente identificados como pertencentes a etnias indígena, negra e mestiça, e estabeleceu-se a existência de padrões de enterramento (Morais 2003: 45).

A arqueologia constitui, portanto, fonte fundamental para o estudo das ruínas e

---

(2) A equipe de educadores da USP que atua no Engenho dos Erasmos é formada pelo historiador Rodrigo Christofoletti e pelo biólogo André Muller de Mello.

(3) Faço parte do "Projeto VouVolto" desde a sua implantação, em 2004, conjuntamente com os professores Cristiane Eugênia do Amarante, Débora Marreiro, Maria Del Carmen B. Dumarco e Sandra Regina Pereira Ramos.

---

(4) Professor holandês cujo trabalho *Engenho dos Erasmos, Santos Preservation Studies*, 1990, realizado por solicitação do atual Centro de Preservação Cultural (CPC) da USP, ampliou muito os estudos sobre o Engenho, baseando-se em fontes editadas e tabelionatos.

acredita-se que muitas das hipóteses ainda por esclarecer poderão ser elucidadas com trabalhos arqueológicos futuros.

#### 4. Descobrimo que os objetos falam

Todos têm alguma noção sobre o que é Arqueologia. Muitas vezes essa visão acaba sendo estereotipada pelas imagens reproduzidas em filmes e novelas. Mas o que essa visão tem a ver com a disciplina arqueológica? Que disciplina é essa e qual a sua relação com a vida das pessoas no passado e no presente? Quais são os seus objetos e como é possível aproximar a arqueologia da escola? Como fazer com que nossos alunos compreendam as transformações culturais por meio da análise e exploração dos objetos? É possível transformar a educação trazendo para a sala de aula questões sobre a cultura e a diversidade por meio do estudo dos objetos?

A arqueologia enquanto disciplina se constitui na investigação das sociedades humanas por meio dos vestígios materiais, que podem ser entendidos como o conjunto das coisas que fazem parte da história do homem no mundo, ou seja, os artefatos. Artefatos são o produto direto do trabalho humano, como também os chamados ecofatos ou biofatos, que são decorrentes da relação do homem com o seu ambiente. Desse modo, são considerados vestígios arqueológicos tanto os objetos produzidos e utilizados em diferentes contextos, mas também as “impressões” deixadas na paisagem (Carneiro 2008).

Assim, os objetos, as estruturas, as marcas na paisagem e as transformações na natureza constituem importante mecanismo de interação entre aprender e ensinar. Mas o que aprender com o mundo de coisas materiais nos quais estamos inseridos socialmente? Segundo Hirata *et alii* (2007: 420):

“Os seres humanos usam objetos como um meio de compreender e explicar o mundo: *as coisas* evocam pessoas e situações, provocam emoções e suscitam reações de toda natureza. O fazem porque, enquanto objetos, são suportes materiais para mensagens e informações, são signos e símbolos permeando nosso cotidiano, mediando as relações sociais, comunicando hierarquias e classificações, explicitando

‘pertencimentos’ e exclusões, mobilizando ações de toda natureza.”

Portanto, os objetos enquanto suportes de comunicação são tão importantes no meio escolar como outras fontes comumente utilizadas, pois carregam em si uma gama de informações, e basta, para isto, que saibamos interrogá-los e fazê-los “falar”. Enquanto documentos históricos, os objetos são portadores de narrativas sobre o passado e o presente, carregam valores, contam a história de um povo ou de uma pessoa, evocam diferentes formas de comportamento e modos de viver, além de possibilitar uma reflexão sobre o conhecimento da sua própria história.

O trabalho educativo com o universo de coisas materiais pressupõe métodos e referenciais teóricos específicos que permitam a sua decodificação; uma série de encaminhamentos metodológicos articulados com a realidade da sala de aula que se constitui em opções feitas entre ideias, procedimentos, estratégias, experiências transformadas e reorganizadas, que objetiva levar professores e educandos a descobrirem a rede de significados e de relações que estão contidas na evidência material.

#### 5. Metodologia

A arqueologia é a ciência que busca compreender, através dos vestígios, as relações sociais e as transformações na sociedade (Funari 2003: 13). Mas como aproximar arqueologia e educação? Por ser uma ciência interdisciplinar, esse projeto didático utiliza a arqueologia como suporte para a construção de conhecimento, ultrapassando antigas práticas em que o aluno é um mero receptor de conhecimentos.

Nesse sentido, a Educação Patrimonial, como metodologia instituída pelo IPHAN, vem ao encontro da necessidade de desenvolver, no meio escolar, a produção de conhecimento, desmistificando a arqueologia como uma ciência distante da realidade dos alunos e longe das práticas institucionalizadas, pois compreendemos a Educação Patrimonial como o caminho de resignificação da escola, transformando-a em espaço de questionamentos e ampliação da consciência social. A Educação Patrimonial, portanto, é um instrumento de alfabetização cultural, que leva o indivíduo a ler o mundo que o

cerca, a compreender o universo sociocultural e a trajetória histórico-temporal em que está inserido (Horta *et alii* 1999: 6).

Aproximar a cultura material da escola e das inúmeras possibilidades do trabalho em sala de aula é um dos objetivos da nossa pesquisa de mestrado, tendo como princípio a metodologia da Educação Patrimonial, além de valorizar o patrimônio cultural no qual os alunos estão inseridos. O trabalho educacional centrado nos objetos permite alcançar – a partir da experiência e do contato direto com evidências e manifestações de diferentes culturas, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados – um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural.

Utilizar essa metodologia específica – que pode ser aplicada a qualquer artefato, evidência material ou manifestação de cultura, seja um objeto ou um conjunto de bens, um monumento ou um sítio arqueológico, uma paisagem, uma área de proteção, um centro histórico, um processo de produção, tecnologias, saberes populares e qualquer outra expressão resultante da relação entre indivíduos e o seu meio – é um dos objetivos desse trabalho.

Além da metodologia da Educação Patrimonial, instituída no Brasil a partir da década de 1980 pela museóloga Maria de Lourdes Parreira Horta, pretendo refletir sobre as práticas educacionais nacionais voltadas para o patrimônio ao longo do século XX e analisar diferentes fontes bibliográficas que têm como referência a educação para o patrimônio.

A metodologia utilizada parte do pressuposto de que os conhecimentos trazidos pelos alunos são muito importantes para o desenvolvimento de todo processo educativo; é ponto de partida e indicação do caminho a seguir e das intervenções necessárias na mediação da educação a na apropriação do conhecimento.

Pensar dialogicamente é pensar a Educação como transformadora e acreditar na capacidade do indivíduo de apoderar-se da sua própria cultura, transformando-a. Portanto, o estudo da Arqueologia no interior da escola vem ao encontro da ideia de que a relação sujeito-sujeito e sujeito-mundo são indissociáveis (Freire, 2001). Ao destacar a importância do diálogo como forma de libertação do modelo tradicional escolar de mera transmissão de conhecimentos, acreditamos que a utilização didática da cultura

material seja um caminho para uma educação libertadora, em que os objetos materiais e imateriais surgem de fato para questionar o passado, compreender as transformações ocorridas e entender o presente, na medida em que desperta nos alunos o interesse pelo patrimônio cultural e pelo ambiente histórico.

## 6. Na escola

O estudo de caso é realizado desde o mês de abril de 2011, na Unidade Municipal de Educação Waldery de Almeida, localizada na Zona Noroeste da cidade de Santos, no litoral do estado de São Paulo, e conta com a participação de duas classes do 4º ano do Ensino Fundamental (antiga 3ª série), com aproximadamente sessenta crianças.

A metodologia utilizada parte da observação e discussão das temáticas Patrimônio, Arqueologia e Engenho dos Erasmos e objetiva desenvolver diferentes atividades que levem os educandos a apresentar seus conhecimentos prévios, formular hipóteses, compreender os assuntos abordados, apropriar-se dos mesmos e construir novas interpretações do passado por meio da cultura material. Para tal, as temáticas são sempre iniciadas a partir da reflexão e observação de um determinado assunto que é desenvolvido por meio de atividades diversas, tais como tempestade de ideias sobre Arqueologia, levantamento de hipóteses sobre o Engenho dos Erasmos e manipulação de objetos etnográficos e arqueológicos (Figs. 1 e 2).

O desenvolvimento da metodologia, por meio da reflexão, pesquisa e apropriação, é realizado através de diferentes estratégias educacionais, como a construção de maquetes, o estudo do meio, a produção de texto coletivo, a construção de legendas para imagens diversas, os estudos do meio e a oficina de arqueologia, entre outras.

O projeto ainda inclui, na segunda fase do estudo de caso, o desenvolvimento de um sítio experimental na UME, a realização de estudos do meio no centro histórico de Santos, o levantamento das principais escavações ocorridas em Santos nos últimos anos, atividades voltadas à comunidade, a utilização de vídeos, a construção de portfólio e uma exposição do trabalho desenvolvido.



Fig. 1



Fig. 2

CAMPOS, A.N. Archaeology and Education: educational opportunities around a five hundred years old archaeological site in Santos, SP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 195-200, 2011.

**Abstract:** This communication is part of the master's research project in progress, entitled *Archaeology and Education: a partnership around a five hundred years old archaeological site*. Aims to present the methodological proposals used in the case study developing in a elementary public school in the city of Santos, São Paulo state, located adjacent to the sixteenth century archaeological site of Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (St. George from Erasmos Plantation Ruins), a cultural framework of the Brazilian identity construction process at the beginning of Portuguese colonization. The work is being conducted with two classes of fourth grade of the elementary school.

**Keywords:** Archaeology – Material Culture – Education.

### Referências bibliográficas

- ANDREATTA, M.D.  
1999 *Engenho São Jorge dos Erasmos: prospecção arqueológica, histórica e industrial*. *Revista USP*, 41: 28-47.
- FREIRE, P.  
2001 *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP.
- FUNARI, P.P.A.  
2003 *Arqueologia*. São Paulo: Ática.
- CARNEIRO, C.G.; NEVES, E.G.; ALMEIDA, F.G.; PARENTE, M.T.V.  
2008 *Guia temático para professores*. Programa de educação patrimonial do levantamento arqueológico do Gasoduto Coari-Manaus. São Paulo, MAE, n. 1.
- HIRATA, E.F.V.; ELAZARI, J.M.; MORITZ, J.; COSTA, A.; CORDEIRO, S.  
2007 Explorando a Arqueologia: um projeto educativo no Engenho São Jorge dos Erasmos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 17: 419-433.
- HORTA, M.L.P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q.  
1999 *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Museu Imperial/IPHAN/MinC.
- LOPES, M.M.  
1991 A favor da desescolarização dos museus. *Revista Educação Sociedade*, Campinas, v.3, n. 40.
- MORAIS, J.L.  
2003 O Engenho São Jorge dos Erasmos na Perspectiva Arqueológica e Ambiental da Baixada Santista. *Relatório Final*. MAE/USP. FAPESP. São Paulo.